

# Exportações agrícolas<sup>1</sup>

Eliseu Alves<sup>2</sup>

A balança comercial vem acumulando déficits elevados, que têm sido compensados pela entrada de capital, atraído pelas altas taxas de juros praticadas no Brasil, as quais, por sua vez, inibem os investimentos e pressionam para baixo a taxa de câmbio. Esse caminho é inadequado e não oferece segurança para os produtores brasileiros. Não pode, então, perdurar.

A política macroeconômica tem vários instrumentos para cuidar desse problema, estando entre eles a exportação de produtos da agricultura. Para serem produzidos, esses produtos gastam bem menos dólar por unidade, e, por isso, proporcionam maior saldo por unidade exportada. Com efeito, dos US\$ 153 bilhões que foram exportados em 2009, 42,3% vieram do agronegócio, que exibiu um saldo de US\$ 60 bilhões.

Insistem, porém, alguns críticos dessa grande participação da agricultura nas exportações totais, alegando que ela representa uma volta ao passado, ou seja, um sinal de involução, de atraso. É bem verdade que, no início da década de 1970, as exportações da agricultura derivavam de uma tecnologia baseada nos insumos terra e trabalho, ambos muito primitivos. Naquela época, a agricultura não exportava modernidade, mas apenas tradição e trabalho malremunerado, seja porque sem treinamento, seja por injunção do mercado.

A agricultura tradicional ainda resiste no Brasil, conquanto sem expressão e em forte de-

clínio. Responde por menos de 11% da produção (ALVES; ROCHA, 2010). No seu lugar, prevalece a forte integração da agricultura com a indústria, aquela que fabrica insumos – como máquinas, equipamentos, químicos e sementes – e processa, armazena e transporta a produção.

Assim, do produto que chega à mesa de cada um dos milhares de consumidores no exterior, uma pequena parcela do custo total é devida aos trabalhadores sem especialização e à terra que não foi melhorada pela tecnologia. Até o nível da porteira da fazenda, do custo total, apenas 20% se devem à terra ainda primitiva e à mão de obra sem treinamento.

Outra justificativa que embasa o argumento de que estamos voltando ao passado é a de que as exportações agrícolas não cristalizam a ciência de ponta gerada no Brasil. Antes de tudo, é preciso atentar que a expressão “ciência de ponta” é ambígua, porque, afinal de contas, como é possível definir, com clareza e precisão, o que é ciência de ponta? Mas o conceito, apesar de vago, carrega conteúdo intuitivo. Como entender, então, essa questão?

Do lado da oferta, as ciências agrárias brasileiras sempre acompanharam os centros avançados, ombreando-se com eles. A prova está na existência do Instituto Agrônomo de Campinas e de outras áreas do conhecimento bem-sucedidas, como o desenvolvimento da genética, da ciência dos solos, do melhoramento de plantas, do controle integrado de pragas e

<sup>1</sup> Original recebido em 5/4/2010 e aprovado em 12/4/2010.

<sup>2</sup> Eliseu Alves é assessor do Diretor Presidente e é pesquisador da Embrapa.

doenças, entre outros, em que a criatividade dos brasileiros pontificou-se sozinha ou em aliança com pesquisadores estrangeiros.

Há algum tempo que o governo vem investindo pesadamente em ciências agrárias, tanto nas universidades quanto nos institutos de pesquisa e na Embrapa – esta última com um orçamento, em 2010, de 1 bilhão de dólares. As áreas de tecnologia de ponta – como a biologia avançada, a agricultura de precisão, a nanotecnologia, o monitoramento ambiental e a pesquisa sobre os desafios apresentados pelo aquecimento global – têm recebido investimentos crescentes. Saliente-se ainda que a associação entre a iniciativa privada e os centros externos de pesquisa são pontos focais da estratégia de pesquisa. Assim, do lado da oferta, praticamos a pesquisa de ponta e somos aliados dela.

A pesquisa cria três produtos: pesquisadores muito bem treinados, tecnologias cristalizadas em insumos e produtos, e conhecimentos. Os agricultores e a indústria modificam e aperfeiçoam o que foi criado. Contudo, o objetivo principal são produtos mais baratos, de

alta qualidade e que promovam o bem-estar de consumidores e trabalhadores. Por esse aspecto, a agricultura brasileira tem mostrado um desempenho marcante, como demonstram a queda de preço da cesta básica (ver o artigo *Por que os preços da cesta básica caíram?*, do presente número) e o crescimento da produtividade do trabalho e da terra (GASQUES et al., 2008). Esses avanços estão materializados nos grãos, nas carnes e nos produtos florestais que exportamos. Ou seja, já faz algum tempo que o Brasil exporta modernidade, e não tradição, como alguns insistem em declarar.

## Referências

- ALVES, E. ROCHA, D. P. **Ganhar tempo é possível?** CI Florestas. Documentos e Artigos. Disponível em: <[http://www.ciflorestas.com.br/arquivos/doc\\_ganhar\\_possivel\\_13249.pdf](http://www.ciflorestas.com.br/arquivos/doc_ganhar_possivel_13249.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2010.
- GASQUES, J. G.; BASTOS, E. T.; BACCHI, M. R. P. Produtividade e fontes de crescimento da agricultura. In: NEGRI, J. A. de; KUBOTA, L. C. **Políticas de Incentivo à Inovação Tecnológica no Brasil**. Brasília, DF: Mapa-AGE, 2008. Cap. 11, p.435-459.